



A Santa Sé

SANTA MISSA NA ABERTURA DO CAPÍTULO GERAL DA ORDEM DE SANTO AGOSTINHO

PALAVRAS DO SANTO PADRE FRANCISCO

*Basilica de Santo Agostinho no Campo de Marte, Roma
Quarta-feira, 28 de Agosto de 2013*

Vídeo

«Fizestes-nos para Vós e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Vós» (*Confissões*, I, 1, 1). Com estas palavras, que se tornaram célebres, santo Agostinho dirige-se a Deus nas *Confissões*, e nestas palavras está a síntese de toda a sua vida.

«Inquietação». Esta palavra impressiona-me e leva-me a meditar. Gostaria de começar a partir de uma pergunta: que inquietação fundamental vive Agostinho na sua existência? Ou ao contrário eu deveria, talvez, dizer: que inquietações nos convida a suscitar e a manter vivas na nossa vida este grande homem e santo? Proponho três: a inquietação da investigação espiritual, a inquietação do encontro com Deus e a inquietação do amor.

A primeira: inquietação da investigação espiritual. Agostinho vive uma experiência bastante comum nos dias de hoje: muito comum entre os jovens de hoje. É educado na fé cristã pela sua mãe Mónica, embora não receba o Baptismo; mas crescendo afasta-se da fé, não encontra nela a resposta para as suas interrogações, para as aspirações do seu coração, e é atraído por outras propostas. Então, entra no grupo dos maniqueus, dedica-se denodadamente aos seus estudos, não renuncia à diversão despreocupada, aos espectáculos daquela época, a amizades intensas; conhece o amor forte e empreende uma brilhante carreira de mestre de retórica, que o leva até à corte imperial de Milão. Agostinho é um homem «bem sucedido», possui tudo, mas no seu coração subsiste a inquietação da busca do sentido profundo da vida; o seu coração não está adormecido, diria que não está anestesiado pelo sucesso, pelos bens, pelo poder. Agostinho não se fecha em si mesmo, não se acomoda, continua a procurar a verdade, o sentido da vida,

continua a buscar a face de Deus. Sem dúvida, comete erros, percorre também caminhos errados, peca, é um pecador; contudo, não perde a inquietação da busca espiritual. E deste modo descobre que Deus o esperava, aliás, nunca tinha deixado de ser o primeiro a procurá-lo. Gostaria de dizer a quantos se sentem indiferentes a Deus, à fé, a quantos estão distantes de Deus ou a quem o abandonou, também a nós, com as nossas «distâncias» e os nossos «abandonos» de Deus, talvez pequenos, mas há muitos na vida quotidiana: olha no fundo do teu coração, olha no íntimo de ti mesmo e interroga-te: tens um coração que aspira a algo de grande, ou um coração entorpecido pelas coisas? O teu coração conservou a inquietação da procura, ou permitiste que ele fosse sufocado pelos bens, que no fim o atrofiam? Deus espera por ti, procura-te: o que respondes? Apercebeste-te desta situação da tua alma, ou ainda dormes? Acreditas que Deus te espera, ou para ti esta verdade são somente «palavras»?

Em Agostinho é precisamente esta inquietação do coração que o leva ao encontro pessoal com Cristo, que o leva a compreender que aquele Deus que ele procurava distante de si é o Deus próximo de cada ser humano, o Deus próximo do nosso coração, mais íntimo a nós do que nós mesmos (cf. *ibid.*, III, 6, 11). Mas até na descoberta e no encontro com Deus, Agostinho não se detém, não se acomoda, não se fecha em si mesmo, como aquele que já chegou à meta, mas continua o caminho. A inquietação da investigação da verdade, da busca de Deus, torna-se a inquietação de o conhecer cada vez mais e de sair de si mesmo para o dar a conhecer aos outros. Nomeadamente, é a inquietação do amor. Gostaria de uma tranquila vida de estudo e de oração, mas Deus chama-o a ser Pastor de Hipona num momento difícil, com uma comunidade dividida e com a guerra às portas. E Agostinho deixa-se inquietar por Deus, não se cansa de o anunciar, de evangelizar com coragem, sem medo; procura ser a imagem de Jesus Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas (cf. *Jo* 10, 14); aliás, como gosto de repetir, que «sente o cheiro do seu rebanho» e sai à procura das ovelhas tresmalhadas. Agostinho vive aquilo que são Paulo indica a Timóteo e a cada um de nós: anuncia a palavra, insiste oportuna e inoportunamente, prega o Evangelho com o coração magnânimo, grande (cf. *2 Tm* 4, 2), de um Pastor que se inquieta pelas suas ovelhas. O tesouro de Agostinho consiste precisamente nesta atitude: sair sempre rumo a Deus, sair sempre rumo ao rebanho... É um homem em tensão, entre estas duas saídas; não «privatiza» o amor... sempre a caminho, sempre a caminho, dizia o Padre. Sempre inquieto! E esta é a paz da inquietação. Podemos perguntar-nos: vivo inquieto por Deus, para o anunciar, para o dar a conhecer? Ou então deixo-me fascinar por aquela mundanidade espiritual que leva a fazer tudo por amor-próprio? Nós, consagrados, pensamos nos interesses pessoais, no funcionalismo das obras, no carreirismo. Mas podemos pensar em muitas coisas... Por assim dizer, «acomodei-me» na minha vida cristã, na minha vida sacerdotal, na minha vida religiosa e até na minha vida de comunidade, ou conservo a força da inquietação por Deus, pela sua Palavra, que me leva a «sair» e ir rumo aos outros?

E venhamos à última inquietação, a inquietação do amor. Aqui não posso deixar de olhar para a mãe, Mónica! Quantas lágrimas derramou aquela santa mulher pela conversão do filho! E quantas mães, também hoje, vertem lágrimas a fim de que os seus filhos voltem para Cristo! Não

percais a esperança na graça de Deus! Nas *Confissões* lemos esta frase que um bispo dirigiu a santa Mónica, que lhe pedia para ajudar o seu filho a reencontrar o caminho da fé: «Não é possível que um filho de tantas lágrimas venha a perecer» (III, 12, 21). O próprio Agostinho, depois da conversão, dirigindo-se a Deus, escreve: «Por amor de mim, chorava diante de Vós a minha mãe, toda fiel, derramando mais lágrimas do que jamais vertem as mães diante da morte física dos seus filhos» (*Ibid.*, III, 11, 19). Mulher inquieta, aquela mulher que no final pronuncia palavras bonitas: *cumulatius hoc mihi Deus praestitit!* [o meu Deus satisfiz-me copiosamente!] (*Ibid.*, IX, 10, 26). Aquilo pelo que ela chorava, Deus concedeu-lhe de maneira abundante! E Agostinho é herdeiro de Mónica, dela recebe a semente da inquietação. Eis, então, a inquietação do amor: procurar sempre, sem tréguas, o bem do outro, da pessoa amada, com aquela intensidade que leva até às lágrimas. Vêm à minha mente Jesus que chora diante do túmulo do amigo Lázaro; Pedro que, depois de ter negado Jesus, encontra o seu olhar rico de misericórdia e de amor, e chora amargamente; o pai que, no terraço, espera a volta do filho e quando ele ainda está longe, vai ao seu encontro; vem à minha mente a Virgem Maria que, com amor, acompanha o Filho Jesus até à Cruz. Como vivemos a inquietação do amor? Cremos no amor a Deus e ao próximo, ou somos nominalistas a este propósito? Não de modo abstracto, não somente palavras, mas o irmão concreto que encontramos, o irmão que está ao nosso lado! Deixamo-nos inquietar pelas suas necessidades, ou permanecemos fechados em nós mesmos, nas nossas comunidades, que com frequência são para nós «comunidades-comodidades»? Às vezes podemos viver num condomínio, sem conhecer quem vive ao nosso lado; ou então podemos viver em comunidade, sem conhecer verdadeiramente o nosso irmão de hábito: amargurado, penso nos consagrados que não são fecundos, que são «solteirões». A inquietação do amor impele sempre a ir ao encontro do outro, sem esperar que seja o outro a manifestar a sua necessidade. A inquietação do amor oferece-nos a dádiva da fecundidade pastoral, e nós devemos perguntar-nos, cada um de nós: como está a minha fecundidade espiritual, a minha fecundidade pastoral?

Estimados Agostinianos, peçamos ao Senhor por vós, que encetais o Capítulo geral, e por todos nós, que conserve no nosso coração a inquietação espiritual de o procurar sempre, a inquietação de o anunciar com coragem, a inquietação do amor por cada irmão e irmã. Assim seja!